

Dramática Iberoamericana para la infancia y la juventud N° 30
CELCIT - ATINA - RED IBEROAMERICANA de ASSITEJ

Vampirações e outros mistérios

Jorge Rein (Brasil)

Teatro de actrices y actores: 4 Actrices - 4 Actores
Edad de público sugerida: 6+

PERSONAJES:

MAGNÓLIA - Dona da pousada O BOM REPOUSO. Viúva, ainda jovem.
MARGARIDA - Filha de Magnólia. Idade entre 10 e 12 anos.
ROSA - Prima de Margarida, da mesma idade, ruiva.
CONDE KRÁPULA - Descendente de uma nobre dinastia de vampiros.
IGOR - Assistente do conde. Dedicado, não muito inteligente.
CAPITÃO MORGAN - Velho marujo manco, aposentado.
SENHORITA GRETA - Antiga atriz de teatro, vive representando.
MERCÚRIO - Carteiro atrapalhado.

CENÁRIO

Recepção da pousada O BOM REPOUSO. Conjunto de sofá e duas poltronas, uma mesa de centro, algumas plantas. A mobília é modesta e não se encontra em muito bom estado.

Um pouco recuado, o balcão da recepção com o painel das chaves dos quartos, o livro de registro e uma campainha que anuncia a chegada de novos hóspedes.

À direita, uma porta que leva ao banheiro.

Bem ao fundo, um varal com roupas estendidas, entre as quais se destaca um enorme lençol branco.

PRIMEIRA CENA

Margarida, debruçada sobre o balcão, escreve uma carta. Pronuncia em voz alta cada palavra, pausadamente, enquanto parece desenhá-las no papel com caprichada caligrafia.

MARGARIDA

Rosa, vírgula, minha querida prima, dois pontos, parágrafo, maiúscula. Estou contando os dias que faltam...

Em algum ponto da plateia, um foco ilumina a figura de Rosa, que continua a leitura, já mais rápida e solta, da mesmíssima carta. Margarida ainda escreve.

ROSA

(lendo) ...para as férias. Espero que desta vez você não pegue nenhuma recuperação, para que possa vir logo ao meu encontro. Estou certa de que teremos mais e melhores aventuras do que as que tivemos no verão passado. É que a pousada está cheia de gente interessante, misteriosa. O capitão Morgan, por exemplo... *(a sombra do capitão atravessa, em marcha lenta e arrastada, a região do lençol; a distância e a iluminação tornam gigantesca a projeção de sua figura; parece estar empunhando uma pistola na mão direita; acompanhamento musical apropriado)* Ele é um velho marinheiro, um lobo do mar com a pele curtida pelo sol e pelos ventos. Já viajou o mundo todo. Ele diz que é capitão da marinha mercante, que passou a vida levando mercadorias de um porto para outro. Mas, cá pra nós, eu acho que ele é mesmo um pirata. Ainda que seja um pirata aposentado, pode ser perigoso. Será que ele esconde algum tesouro? Precisamos descobrir, minha prima... Além do mais, eu acho que ele está arrastando a asa para a minha mãe. A asa não; o que ele vive arrastando é a perna. Vai ver que é de pau e os cupins estão dando um banquete na perna do coitado. Eu nem quero saber de um padraço pirata, pernetta e, ainda por cima, velho.

É desligada a luz que iluminava Rosa.

MARGARIDA

(ainda escrevendo) O capitão Morgan, por exemplo...

MORGAN

(chegando furtivamente ao balcão e surpreendendo Margarida, cutucando suas costas com a “pistola” que é, na realidade, um cachimbo apagado com o qual ele brinca o tempo todo) Me chamou, Margarida?

MARGARIDA

(recuperando-se do susto) Eu? Não, senhor, estava aqui escrevendo uma carta para a minha prima. Só isso...

MORGAN

(erguendo o tapa-olho que usa sobre o olho esquerdo) Estou vendo, estou vendo... E, por falar em carta, já chegou o correio?

MARGARIDA

Mercúrio? Ainda não, mas deve estar chegando. Ele disse pra mim que o correio nunca atrasa. O senhor está esperando alguma carta?

MORGAN

Eu pedi para o banco me mandar uns documentos que eles guardaram para mim no cofre. Devem estar chegando.

MARGARIDA

(indiscreta) Não é por acaso, um mapa?

MORGAN

(surpreso) Um mapa? Sim, tem um mapa também. Como é que você sabe?

MARGARIDA

Foi só um palpite. E ele é muito valioso?

MORGAN

(rindo) Valioso? Sim. Nesse mapa está tudo que eu consegui poupar em todos os meus anos de serviço.

MARGARIDA

Então, é um tesouro?

MORGAN

É, o meu tesouro. Mas chega de perguntas, sua menina curiosa. Se o envelope chegar, você me avisa logo. E nada de bisbilhotar. Combinado?

MARGARIDA

Pode deixar, capitão, que eu não sou de me meter na vida dos outros.

MORGAN

(passando a mão nos cabelos de Margarida) Estou sabendo, estou sabendo. É que eu também fui criança um dia, sabe? Mas já faz muito tempo... Cadê sua mãe, a dona Magnólia?

MARGARIDA

Ela está na cozinha, preparando o almoço. A pousada está cheia.

MORGAN

(deixando lentamente o palco) Então vou ver se eu posso ajudar nalguma coisa. Coitada, tão novinha e já viúva, tendo que cuidar de tudo sozinha...

MARGARIDA

(ofendida) E eu? Por acaso não ajudo? Nós nos viramos muito bem sozinhas, viu, capitão? Não estamos precisando de mais ninguém atrapalhando a gente. *(o capitão já não está mais no palco; Margarida retoma a carta)* Também tem a senhorita Greta...

Desta vez é projetada no lençol uma silhueta feminina, carregando uma caveira na palma da mão estendida.

Luz em Rosa, que continua a leitura.

ROSA

(lendo) Também tem a senhorita Greta. Parece ter cem anos, ou até mais, mas faz questão de ser chamada de senhorita. Dizem que ela já foi uma grande atriz, que lotava teatros e fazia o público rir ou chorar conforme sua vontade. Para mim ela é mesmo uma bruxa. Uma boa bruxa ou uma bruxa boa, mas não deixa de ser. Outro dia eu que fiz a limpeza do seu quarto quando ela não estava. Precisa ver. Potes e garrafinhas com pomadas e líquidos de nomes esquisitos que nem sei. E roupas, muitas roupas. Para se transformar, acho que deve ser. Ator é sempre bruxo, não é? É capaz de fazer a gente rir ou chorar com gestos e palavras, uma fórmula mágica. Isso não é enfeitiçar? Às vezes a senhorita Greta adormece no meio de uma frase, e aí só aplaudindo ou gritando bem alto: BRAVO! BRAVÍSSIMO! para ela acordar. Isso não é bruxaria?

É desligada a luz que iluminava Rosa.

GRETA

(entrada exageradamente teatral, carregando um porta-peruca) Falando em mim, Margarida?

MARGARIDA

(fingindo inocência) Eu, senhorita? Imagina!

GRETA

Que pena! Eu adoro quando falam de mim. Não interessa o que digam, mas que falem de mim. Eu, a estrela, o centro do universo... *(adormece)*

MARGARIDA

(batendo palmas enquanto grita) Bravo! Bravíssimo! *(a senhorita Greta acorda e agradece)* E esse seu cabelo, senhorita Greta?

GRETA

(retirando a peruca que está usando e colocando-a, com extremo cuidado, no porta-peruca) Ah, essa peruca aqui eu usei quando fiz o papel de Lucy, a namorada de Drácula, o conde-vampiro. Um sucesso! *(instintivamente, leva a mão ao pescoço)*

MARGARIDA

E o vampiro a mordida, senhorita?

GRETA

Pelo menos três vezes cada noite, durante toda a temporada. O público delirava quando eu levantava do caixão e atravessava o palco (*acompanha a narrativa com a ação*), pálida e sonâmbula, procurando doadores para sugar o sangue que tinham me roubado. (*aproxima-se, ameaçadoramente, de Margarida*)

MARGARIDA

(*enfrentando Greta com uma cabeça de alho que retira de uma travessa que enfeita o balcão*) Sai de mim, Satanás!

GRETA

(*recuando, amedrontada*) Alho não! Alho não! Detesto alho!

MARGARIDA

Ah, então é verdade o que dizem, que os vampiros não suportam alho...

GRETA

Não é nada disso, sua tonta! Eu só virava vampira de mentirinha, de brincadeira, no jogo do teatro. Para falar a verdade, eu acho que os vampiros nem existem, não são mais que uma lenda para assustar crianças bobas, que nem você.

MARGARIDA

(*ofendida, fingindo coragem*) Precisa bem mais do que isso para me meter medo. Eu sou muito valente. Mas, e o alho?

GRETA

Muitos anos atrás eu fiz Julieta. Modestamente, a melhor Julieta que já pisou num palco. Acontece que o meu Romeu era um teimoso comedor de alho. Você sabe o que é beijar na boca, toda noite, um rapaz com hálito de alho? Você não sabe, não, ainda é muito novinha para isso. Daí eu fiquei com nojo de alho. Até hoje eu não chego nem perto de qualquer coisa que cheire a alho. E, por falar em alho, a que horas sai o almoço? Estou faminta...

MARGARIDA

A mãe já está fazendo. O capitão está ajudando.

GRETA

Vai ver que os dois pombinhos andam de namorico na cozinha e nada de comida. Eu vou dar uma espiada... *(faz menção de sair, mas volta até o balcão e, em voz baixa, dirige-se a Margarida)* O rapaz do correio, esse tal de Macário...

MARGARIDA

(corrigindo) É Mercúrio! Já deve estar chegando. Ele diz que o correio...

GRETA

(interrompendo) ...nunca atrasa, eu já sei. É pura propaganda. Ele é muito folgado.

MARGARIDA

A senhorita está esperando alguma encomenda?

GRETA

Uma velha amiga ficou de me mandar uma receita mágica, milagrosa. Eu reconheço que estou um pouco ansiosa, o tempo voa *(passando a mão no próprio rosto)* e ninguém consegue manter a eterna juventude sem a ajuda de um pequeno milagre.

MARGARIDA

Ah, então é uma poção mágica?

GRETA

É mais ou menos isso. De qualquer jeito, se chegar a encomenda, não mostre pra ninguém. Será nosso segredo. Se fizer tudo direitinho, sou capaz de ensinar a você um par de truques muito úteis para qualquer mocinha.

MARGARIDA

Vai me ensinar a desaparecer?

GRETA

(achando graça) Desaparecer? Nada disso! Muito pelo contrário! Os truques dos atores são para aparecer cada vez mais, esse é o nosso negócio. Já contei pra você quando me apresentei na corte? Era uma noite de gala, o salão nobre todo iluminado...
(adormece)

MARGARIDA

(indiferente ao sono de Greta, volta a escrever a carta) Enfim, prima, a pousada está repleta de mistérios para serem investigados por nós duas. O único...

Luz em Rosa, que retoma a leitura.

ROSA

(lendo) O único que é mesmo o que aparenta ser é Mercúrio, o carteiro. Ele diz que o correio nunca atrasa e deve ser verdade, se depender dele. Anda sempre correndo. Eu diria que tem asas nos calcanhares. Nunca para. Se parar, cria raízes no chão e não consegue mais andar, é o que ele sempre diz. Aliás, já deve estar chegando. Por isso eu preciso terminar logo esta carta. aguardo ansiosamente sua visita. Vai ser bem divertido...

É desligada a luz que iluminava Rosa.

MARGARIDA

(encerrando a carta) Mamãe manda um abraço para tia Açucena. Beijos da sua prima, Margarida. *(dobra a carta e a guarda dentro de um envelope no mesmo instante em que Mercúrio irrompe na sala)*

MERCÚRIO

(correndo, pulando, esbarrando nos móveis e quase derrubando a adormecida Greta)
Carta, bilhete o cartão / que o correio nunca atrasa / pacotinho ou pacotão / entrega de casa em casa. *(entregando a correspondência nas mãos de Margarida)*
Carta para o capitão / para a senhorita Greta / a conta da prestação / e mais o imposto de renda. *(corre em direção à saída, mas freia intempestivamente, atendendo ao chamado de Margarida)*

MARGARIDA

Mercúrio! Mercúrio, espera! Leva esta carta pra mim.

MERCÚRIO

(examinando o envelope que Margarida lhe entrega) Prima Rosa eu não conheço / eu conheço a prima Dona / a prima Vera, a prima Zia / mas assim, sem endereço / o correio não envia. / Cadê o número e a rua / o bairro, a cidade, o estado / é na Terra ou é na Lua? / já estou ficando atrasado.

MARGARIDA

Deixa disso, Mercúrio! A prima Rosa você conhece, é aquela ruivinha que esteve aqui no verão passado. Lembra?

MERCÚRIO

Mas não sei onde ela mora / eu sou apenas um carteiro / e vou sair mundo afora / procurando o paradeiro?

MARGARIDA

Faz isso, sim! Faz por mim. *(dá um beijo no rosto de Mercúrio, depois empurra o carteiro em direção à saída)* Agora vai. Não esquece que o correio nunca atrasa.

Atrapalhado, Mercúrio desce à plateia e interage com o público, procurando informações sobre a localização da prima Rosa. Enquanto isso, no palco, Margarida esconde a correspondência e acorda Greta com a fórmula de praxe.

GRETA

(agradecendo) Obrigada, muito obrigada! Se gostaram da peça, recomendem para os seus conhecidos. Se não gostaram, recomendem para os desconhecidos.

MARGARIDA

Senhorita Greta, senhorita Greta! Não estamos no teatro. Aqui é a recepção da pousada O BOM REPOUSO e a senhorita está morrendo de fome, lembra?

GRETA

Claro que eu lembro. Não estou caduca nem nada. O carteiro já veio?

MARGARIDA

Veio, sim, mas só trouxe algumas contas para pagar.

GRETA

E a minha encomenda?

MARGARIDA

(mentindo ostensivamente) Nada. Quem sabe amanhã ou depois, não é? Eu tenho o palpite de que não demora.

GRETA

Tomara. Não esqueceu nosso trato?

MARGARIDA

Pode deixar. Só nós duas vamos ficar sabendo.

GRETA

Então eu vou até a cozinha, apressar esse almoço. *(saindo em direção à cozinha)*
Dona Magnólia! Capitão Morgan!

Margarida resgata os envelopes do seu esconderijo e sai do palco na direção oposta. Mercúrio finalmente descobre Rosa na plateia e lhe entrega a carta. A luz é desligada.

SEGUNDA CENA

Uma enorme lua cheia surge por trás do varal, projetando no lençol duas figuras sinistras que se aproximam furtivamente da pousada. Uma delas veste uma larga capa e, quando abre os braços, se assemelha à silhueta de um morcego. A outra sombra chega a andar envergada pelo peso do baú que carrega nas costas. Como sempre que é aproveitado o recurso da projeção de sombras, uma música apropriada acompanha a cena.

Ilumina-se o palco em resistência. Sentada no sofá, margarida está absorta na leitura de um livro.

MAGNÓLIA

(chegando da cozinha) Margarida!

MARGARIDA

(assustada, deixa cair o livro) Que susto, mamãe!

MAGNÓLIA

(recolhendo o livro e lendo a capa) A Verdadeira História do Conde Drácula? Você nunca desiste de ler essas bobagens. Onde arranjou esse livro?

MARGARIDA

A senhorita Greta me emprestou. É coisa de vampiros. Sabia que ela já fez o papel de namorada do conde Drácula? E além do mais, não é bobagem coisa nenhuma.

MAGNÓLIA

Eu é que sei. Depois você não consegue dormir de tanto medo e, se pega no sono, logo acorda molhada de suor e gritando no meio de um pesadelo.

MARGARIDA

Eu, ei? Pois fique sabendo que sou bem corajosa. Precisa muito mais do que isso para me tirar o sono.

MAGNÓLIA

(abraçando a filha) Eu sei que você é uma menina muito valente. O que seria de mim sem você do meu lado? *(pausa)* Mercúrio passou hoje por aqui?

MARGARIDA

É claro que passou. O correio nunca atrasa.

MAGNÓLIA

E trouxe alguma coisa?

MARGARIDA

(apanha, no balcão, as contas que o carteiro lhe entregou na cena anterior) Trouxe isso aqui.

MAGNÓLIA

(deixando-se cair numa das poltronas, a cabeça entre as mãos, preocupada) Contas e mais contas. O que vai ser de nós? Seu pai é que sabia administrar a pousada. Desde que ele morreu ... *(começa a chorar)*

MARGARIDA

(consolando a mãe) Não chora, mamãe. A gente vai dar um jeito, você vai ver.

MAGNÓLIA

Só se fosse um milagre caído do céu. *(enxuga as lágrimas)* Só isso que o Mercúrio trouxe, só contas pra pagar?

MARGARIDA

(com um ligeiro tom de remorso) Só. Por quê? Estava esperando alguma coisa?

MAGNÓLIA

Eu não, o capitão Morgan. Ele disse que é algo que pode mudar nossas vidas.

MARGARIDA

(murmurando) Esse velho pirata safado!

MAGNÓLIA

O que foi?

MARGARIDA

É que eu não gosto do capitão. Para mim, ele é um velho pirata que já matou, roubou e fez o diabo.

MAGNÓLIA

(recuperada e rindo, levanta da poltrona) Você tem cada uma, minha filha... O capitão é um bom homem. Os hóspedes já estão todos nos quartos?

MARGARIDA

Estão, sim.

MAGNÓLIA

Então vamos trancar tudo e deitar, que amanhã será outro dia.

MARGARIDA

Quem sabe amanhã chega a prima Rosa...

MAGNÓLIA

E os documentos que o capitão tanto espera, quem sabe...

MARGARIDA

(aparentemente arrependida, num tom de confissão) Mamãe, eu preciso contar uma coisa...

Um latido feroz interrompe o diálogo. A sombra no lençol é a de um cão de grande porte ameaçando a lua. Margarida, amedrontada, refugia-se no colo da mãe.

MAGNÓLIA

(com afeto) E cadê a minha menina corajosa?

MARGARIDA

O que foi isso? Parece um lobisomem.

MAGNÓLIA

(enquanto os latidos continuam) É o Titã. Só pode. Vai ver que farejou alguma coisa.

MARGARIDA

Algum estranho se aproximando da pousada a estas horas da noite? Que medo!

MAGNÓLIA

O Titã cão de guarda? Ele só sabe correr atrás de lebres e coelhos que, aliás, nunca consegue alcançar. Vou ver o que está havendo. *(dirige-se à saída)*

MARGARIDA

(aflita) Cuidado, mamãe!

Ao tentar deixar o palco, Magnólia quase derruba um homem que está tentando entrar na pousada. Trata-se de uma figura extremamente alta, formada pelo conde encarapitado nos ombros do seu assistente. Uma capa comprida cobre os corpos, dando a ilusão de ser uma única pessoa. Um minúsculo cachorro se debate pendurado na barra da calça de Igor. Os dois dentes incisivos anteriores do maxilar superior do conde Krápula, desmesuradamente desenvolvidos, tornariam sua feição cunicular, não fosse seu cuidado permanente em ocultar a boca com a mão. Também usa um chapéu que nunca tira.

KRÁPULA

Será que alguém consegue acalmar esta fera e tirá-la dos nossos... dos meus calcanhares?

MARGARIDA

(desprendendo o cachorro da calça e segurando-o, com carinho, no colo) Não é uma fera, é o Titã. Ele sempre foi manso, nunca atacou ninguém. O senhor me desculpe...

KRÁPULA

Tudo bem, tudo bem, mas um cachorro desses deveria estar sempre amarrado. Vocês não vão querer que espante algum freguês...

MAGNÓLIA

Mas é claro que não. Para nós, o cliente sempre tem razão. Seja bem-vindo à pousada O BOM REPOUSO.

KRÁPULA

Como é mesmo o nome da pousada?

MAGNÓLIA

O BOM REPOUSO. Por quê?

KRÁPULA

Não é nada, não. É que sou um pouco surdo. Me desculpe, é uma questão genética, nasci assim. *(gritando em direção à própria barriga, onde deve estar a cabeça de Igor)* Para mim, O BOM REPOUSO está perfeito! Muito bom mesmo!

MAGNÓLIA

(apresentando-se) Eu sou Magnólia, a dona da pousada, e esta é Margarida, a minha filha.

KRÁPULA

Muito prazer! Duas flores perfeitas, é o que vocês são. *(em voz baixa, para Igor)* Dois belos pescoços, isso sim. Não fosse pelos nomes, meus irmãos iriam apreciar.

MAGNÓLIA

O senhor falou alguma coisa?

KRÁPULA

Nada, não. Minha carruagem quebrou na estradinha aqui perto e eu preciso de um lugar para passar a noite.

MAGNÓLIA

(ligeiramente decepcionada) Ah, então é por uma noite só...

KRÁPULA

Depende, se o lugar me agradar, se eu achar por aqui tudo do que eu preciso...

MAGNÓLIA

Faremos tudo o que for possível para que o senhor se sinta em casa.

KRÁPULA

Não, por favor. Sou o menor de sete irmãos de hábitos... digamos... um tanto peculiares. Passo os dias sozinho, eles ficam dormindo, e as noites no castelo são movimentadas demais para meu gosto. Mal consigo dormir. Eu não quero me sentir em casa.

MAGNÓLIA

Tudo bem. O que o senhor quiser, é só pedir. Viaja sozinho?

KRÁPULA

(atrapalhado) Não... quer dizer... sozinho, sim. Como bem diz o ditado, melhor só do que mal acompanhado, não é?

MAGNÓLIA

(abrindo o livro de registro que está sobre o balcão) Um quarto de solteiro, então... Sim, ainda temos um vago e é um quarto muito bom. Só que dá para a floresta. É um pouco escuro. As árvores mal deixam passar a luz do sol.

KRÁPULA

Para mim está perfeito. Eu já estou acostumado. Em casa todo mundo adora escuridão.

MAGNÓLIA

Então, é só assinar seu nome neste livro.

O conde, com certa dificuldade, caminha até o balcão e preenche o registro.

MAGNÓLIA

Conde Krápula? Então, o senhor é conde?

KRÁPULA

(indignado, ajeitando a capa) Eu não escondo coisa nenhuma, minha senhora. O que eu ia esconder?

MAGNÓLIA

(falando pausadamente, em voz mais alta) Eu perguntei se o senhor é mesmo um conde...

KRÁPULA

Ah, sim, desculpe, de novo essa maldita surdez. Sim, minha senhora, eu sou o conde Krápula, às suas ordens.

MARGARIDA

Conde Drácula?

MAGNÓLIA

Margarida!!!

KRÁPULA

Krápula, menina, Krápula, com cá. Depois o surdo sou eu...

MARGARIDA

É que eu estava justamente lendo um livro sobre o conde Drácula e pensei...

KRÁPULA

Na verdade, eu sou parente próximo dos Drácula. Nas nossas veias corre o mesmo sangue. *(Igor, à socapa, começa a rir de forma tão violenta que ameaça a estabilidade do conde; Krápula bate ritmadamente no lugar em que se encontra a cabeça de Igor até ele se acalmar)*. Desculpem o mau jeito, senhoras, é um tique nervoso que às vezes me acomete. Pronto, já passou.

MAGNÓLIA

(pegando Margarida pela mão) O senhor fique à vontade, conde. Eu e minha filha vamos preparar seu aposento.

MARGARIDA

(saindo) Você ouviu, mãe? O mesmo sangue... Foi o que ele disse.

Assim que as mulheres deixam o palco, Igor liberta-se do peso, derrubando Krápula no sofá.

IGOR

Eu me demito, mestre. Assim não dá. Essa sua mania de economizar... Eu nunca vi um vampiro tão sovina, tão pão-duro... Esse truque de fazer de conta que somos uma pessoa só, para não ter que pagar um quarto com duas camas, está acabando com as minhas costas. Eu que carrego o peso. Eu que levou mordida de cachorro nas canelas. Eu que...

KRÁPULA

Em primeiro lugar, você bem sabe, meu fiel Igor, que eu não sou um vampiro qualquer. Deveria estar agradecido de trabalhar para mim e não para um dos meus irmãos. Já pensou ter que ficar toda a noite acordado, catando vítimas nas ruazinhas mais escuras das vilas? Também não sou pão-duro, só não gosto de esbanjar. E depois, se é para reclamar, eu também tenho os meus motivos. Que história é essa de pousada O BOM REPOLHO?

IGOR

Foi mal, mestre, me perdoa. É que meus olhos já não são o que eram e me enganei na leitura da placa. Estava tão escuro, só a luz do luar... E afinal, não faz mal, parece um bom lugar. Eu me enganei. Quem é que não se engana?

KRÁPULA

Mas acontece que o enganado fui eu, porque onde tem repolho também costuma ter... Você sabe... E eu estou ficando cada hora mais fraco, preciso urgentemente recuperar as forças, me alimentar. E depois, essa sua maldita risada quase me derrubou, quase acabou com o nosso disfarce.

IGOR

Mas também, mestre, essa já foi demais. *(imitando a fala do conde)* Nas nossas veias corre o mesmo sangue... *(novo acesso de riso que ele mesmo estanca batendo na própria cabeça)*

KRÁPULA

Chega, Igor! Vai trazer nossa bagagem antes que elas resolvam voltar. *(Igor sai; o conde começa a folhear o livro que Margarida abandonou no sofá, fala sozinho)* Essas absurdas histórias de vampiros me perseguem. Não consigo fugir. Estou vendo que a menina vai me dar trabalho. Se pelo menos eu conseguisse me alimentar direito... *(pela primeira vez, mostra os dentes para a platéia, mas logo os esconde novamente)*

Igor volta carregando o baú. Ao mesmo tempo, as mulheres entram pelo extremo oposto do palco. O conde e o assistente tentam reconstruir, às pressas, a pirâmide humana, mas acabam desabando no chão.

MAGNÓLIA

O que é isso?

KRÁPULA

(ajudando Igor a se levantar) Senhoras, lhes apresento Igor, meu assistente. Ele é um pouco tímido. Um pouco burro também. Eu tive que insistir para que ele saísse de dentro da minha capa. Não era nossa intenção enganar ninguém.

MAGNÓLIA

Então, vocês precisam mesmo é de um quarto duplo... Isso vai lhes custar um pouco mais.

KRÁPULA

Dinheiro não é problema, minha senhora, eu tenho fama de ser esbanjador. Mas, estava pensando...

MAGNÓLIA

Pensando o quê, conde?

KRÁPULA

Igor pode ajudar nas tarefas da pousada. É muito caprichoso. E, quem sabe, com isso, talvez eu possa ganhar algum desconto...

IGOR

Pronto, sobrou pra mim...

MAGNÓLIA

Amanhã a gente resolve isso aí. Agora é muito tarde e os senhores devem estar com fome. Vou ver o que consigo arranjar.

KRÁPULA

Eu não sei... A minha dieta... ela é muito especial.

MAGNÓLIA

Temos carneiro assado...

IGOR

(entusiasmado) Carneiro assado? Ótimo! Talvez umas batatas só para acompanhar, feijão e arroz, que isso eu não dispenso, um azeite de oliva...

MARGARIDA

Parece que perdeu rapidinho a timidez.

KRÁPULA

Mas eu não como carne.

MARGARIDA

(provocando) Nem carne mal passada, pingando sangue, crua?

MAGNÓLIA

Margarida!!!

KRÁPULA

É muito brincalhona, essa menina. Não, eu não como carne de jeito nenhum.
(olhando para Margarida) Nem carne muito nova... *(dirigindo o olhar para Magnólia)*
e nem carne no ponto.

MAGNÓLIA

Eu vou ver se sobrou do purê de cenoura. O senhor aceita?

KRÁPULA

(eufórico) Sim, cenoura! Quer dizer... sim, senhora! Um purê de cenoura para mim
está perfeito.

MARGARIDA

Temperado com alho, que tal?

KRÁPULA

Não, alho não!!!

MARGARIDA

Eu sabia!

MAGNÓLIA

(indicando o caminho) Senhores, me acompanhem à sala de jantar.

*Abandonam o palco. Apenas a luz da lua persiste um pouco mais, o tempo suficiente
para projetar uma sombra feminina carregando uma mala.*

TERCEIRA CENA

A recepção deserta. Chega a prima Rosa com sua mala, dirige-se ao balcão, aperta a campainha e se esconde. É Margarida quem primeiro aparece, correndo esbaforida.

MARGARIDA

(examinando a sala aparentemente vazia) Era só o que faltava! Piratas, bruxas, vampiros e, agora, fantasmas!

ROSA

(surgindo por trás de uma poltrona) Buuuu! Surpresa!

MARGARIDA

Rosinha, sua danada. *(ainda tremendo)* Quase que me assustou!

ROSA

Só quase?

MARGARIDA

Precisa mais do que isso pra me fazer tremer. Eu já estou calejada.

As primas se beijam, se abraçam, ensaiam juntas uma espécie de dança.

ROSA

(afastando-se de Margarida) Que diabos de cheiro é esse?

MARGARIDA

Cheiro? Que cheiro? Ah, sim, deve ser meu colar de dentes de alho... Tenho um pra você também. *(coloca o colar em Rosa)*

ROSA

E serve para quê, esse negócio fedorento?

MARGARIDA

Para nos proteger dos vampiros.

ROSA

Que vampiros? Na carta você falou de bruxa e de pirata, mas de vampiro não.

MARGARIDA

Acontece que ontem à noite, quando a gente já ia fechar a pousada, chegou um vampiro. Muito esperto, o danado, fica o tempo todo com a mão assim, escondendo os dentes.

ROSA

Vai ver que tem mau hálito, o coitado.

MARGARIDA

Que nada, está escondendo os dentes. Aposto que ele tem cada canino dessa idade! *(mostra o tamanho estendendo dois dedos)* Ah, mas a mim ele não engana, não. Eu reconheço um vampiro de longe

ROSA

Ah, então você já viu vampiros antes?

MARGARIDA

Só em desenho, nos livros... Vamos para o meu quarto que eu conto tudo.

Margarida apanha a mala de Rosa e ambas deixam o palco.

QUARTA CENA

Luz fraca, sugerindo uma cena noturna. Entra Igor, carregando uma vela e uma enorme escova de dentes. Logo atrás, chega o conde, dentes a descoberto, vestindo uma bata e uma touca de dormir. Desajeitado, esbarra nas poltronas.

IGOR

Silêncio, mestre! Quer acordar todo mundo?

KRÁPULA

Droga! Às vezes bem que eu queria ter a capacidade que os meus irmãos têm de enxergar no escuro como se fosse dia.

IGOR

Mas, em compensação, no claro eles não enxergam um palmo na frente do nariz. Lembra o dia do eclipse? Saíram bem confiantes, todos eles, achando que era noite. O sol voltou de repente e eu tive que juntar os seis desmaiados no jardim do castelo e carregar, um por um, até o caixão.

KRÁPULA

Deixa de história, Igor! E chega mais perto com essa vela. *(Igor se aproxima)* Tão perto não, seu tonto, *(fungando)* que já estou sentindo o cheiro de queimado nos meus bigodes.

Escuta-se, abafada, a voz de Greta ensaiando algum exercício de aquecimento das cordas vocais.

IGOR

(tremendo e pulando no colo do conde) O que foi isso, mestre? Você também ouviu? Acho melhor a gente...

KRÁPULA

(deixando cair Igor no chão) Eu não ouvi nada, mas isso não é novidade. Eu meio surdo e você sempre ouvindo coisas demais. Vai ver que é meu estômago roncando. A essa hora já estão todos dormindo.

Se escuta novamente a voz, desta vez numa escala.

IGOR

Que estômago afinado, meu senhor!

KRÁPULA

É a fome, desgraçado. Me ajuda a procurar... você já sabe o quê.

IGOR

E o purê de cenoura, não estava bom? Não ficou satisfeito?

KRÁPULA

Estava delicioso, mas eu preciso algo mais... algo mais consistente, alguma coisa em que eu possa cravar os dentes e sugar, sugar, sugar o líquido vital... Você sabe...

IGOR

Eu sei, os dentinhos do mestre, os benditos dentinhos, precisa exercitar... Não se fala mais nisso, eu já vou procurar... *(gritinhos de Greta)* Mas, com todo respeito, meu mestre, manda esse estômago calar a boca já! Estômago tem boca? Claro, a boca do estômago! Eu já ouvi falar... da boca, não a boca... *(confuso)* Enfim, deixa pra lá!

Igor procura por trás do balcão, por baixo das poltronas e o sofá. O conde se impacienta.

KRÁPULA

Aí nunca vai achar. Vá procurar lá fora!

IGOR

Por que o mestre não vai? Afinal, são seus dentes, sua fome, seu estômago falante... O meu está bem calado, que eu comi até quase arrebentar.

KRÁPULA

Ah, insubordinado? Era só o que faltava! Pergunta só para o capitão Morgan o que ele fazia com os marinheiros rebeldes. Você deveria agradecer por ter um patrão tão bonzinho que nem eu, tão educado, amável, generoso... *(começa a soluçar, coincidindo com algum som esquisito por parte de Greta)*

IGOR

(desatando a chorar) Não faz isso comigo, mestre! Você sabe que eu não consigo ver alguém chorar sem acompanhar. Não chora mais. Oh! *(faz menção de sair)* Eu já estou indo lá fora procurar. Olha só, eu já estou indo... Tchau!

Krápula ri feito uma criança arteira. No instante em que Igor deixa o palco, surge no lençol a sombra imponente do cão latindo desesperadamente, disputando com Greta a primazia sonora do local.

IGOR

(voltando, com uma atitude autoritária) Tenha paciência! Com essa fera solta eu não vou, não. Eu vou fazer o que sua mãe, no seu leito de morte, me aconselhou.

KRÁPULA

Ah, mamãe, mamãezinha... O que foi que ela falou?

IGOR

(unindo a palavra a ação) Para eu pegar você pelo cangote e levar de uma vez para escovar os dentes, fazer xixi e cama e acabou!

KRÁPULA

(emburrado, infantil) Escovar para quê? Eu nem mordi nada, só purê! Um fio dental resolve...

IGOR

E já pensou o estrago que o bichinho da cárie pode fazer nesses dentões aí? Fio dental? Não faz nem cosquinha. Você precisa, no mínimo, de uma corda grossa daquelas de amarrar navio. Amanhã eu vou pedir uma emprestada ao capitão. E agora vamos lá!

Aproximam-se do banheiro e descobrem que é de lá que surgem os sons estranhos. Mutuamente, cedem e declinam do direito de ir na frente. Finalmente, Igor abre uma fresta. Ouve-se um grito gutural. Igor e o conde correm, apavorados, e se escondem atrás do sofá.

Greta surge, fantasmagórica, na porta do banheiro. De braços abertos e mãos pingando água, encaminha-se até o centro do palco.

GRETA

(declamando, macbethianamente) Que coisa! Estas mãos nunca ficarão limpas? Sinto ainda aqui o cheiro do sangue: nem todos os perfumes da Arábia poderão fazê-lo desaparecer desta mão pequenina. *(adormece)*

Após alguns segundos, Igor e o conde correm até o banheiro, entram e trancam a porta. Apenas as suas vozes e uma apropriada sonoplastia hidráulica são ouvidas. Na sombra projetada no lençol uma aranha enorme tece sua teia.

VOZ DE IGOR

Primeiro esse dentinho aqui... assim... movimentos circulares da escova... gira, gira, gira...

VOZ DO CONDE

(indignado) Mn vou mnirar a mnão mna tua cara, imbecil! Para com isso!

VOZ DE IGOR

Cadê o outro dentinho? Achou!... Gira, gira, gira... Não fica brabo, mestre... A mamãe que mandou... Agora um gargarejo... *(o som correspondente)* Só falta o xixizinho... *(um barulho que lembra cachoeiras)* BRAVO! BRAVO! BRAVÍSSIMO! *(palmas)*

Atendendo à fórmula mágica, Greta acorda, agradece e deixa o palco. Leva consigo a luz.

QUINTA CENA

Entra Igor, carregando materiais de limpeza, e começa a lavar o chão da recepção. Logo atrás, sem ser percebido, chega também o capitão, que cutuca as costas de Igor com a piteira do seu cachimbo.

IGOR

(deixando cair tudo e erguendo as mãos) Não fui eu! Não atire!

MORGAN

Calma, Igor, é só um cachimbo. Para que todo esse escândalo?

IGOR

(aliviado) São os nervos, capitão. Ando muito estressado. Este lugar me mete medo.

MORGAN

Medo de quê?

IGOR

Sei lá... É o clima, a atmosfera... Coisas estranhas estão acontecendo.

MORGAN

Por exemplo?

IGOR

Ontem à noite eu levei meu mestre até o banheiro, para escovar os dentes.

MORGAN

E o conde precisa companhia até para isso?

IGOR

É que ele anda muito fraco, não consegue se alimentar direito. É o senhor já viu os dentes dele? Os dois da frente? São enormes. Daí, ele cansa escovando sozinho.

MORGAN

Ah, entendi. E daí?

IGOR

A porta do banheiro não estava trancada. Então, entramos...

MORGAN

Até aí, tudo parece bastante lógico.

IGOR

Tinha uma figura medonha fazendo gestos na frente do espelho. Uma mulher com roupas bem gozadas, *(passa a mão ensaboada pelo rosto)* a cara tão pintada que parecia uma máscara, fazendo uns sons esquisitos. Mais ou menos assim... *(reproduz algum dos exercícios que Greta utilizou)* Um horror! Até o meu mestre, que é muito destemido...

MORGAN

Não tem mistério, Igor. Era a senhorita Greta. Ela é atriz. Devia estar ensaiando.

IGOR

Será?

MORGAN

Com certeza. Tudo que é ator parece meio doido, meio bruxo, mas é boa gente, Igor, mesmo quando faz papel de mau. Não precisa ter medo deles.

IGOR

Menos mal. Não que eu seja medroso, longe disso... Mas é que eu ando com os nervos em frangalhos. O senhor não imagina o que é morar no castelo com os irmãos do meu mestre. À noite é uma gritaria que não deixa ninguém dormir. E de manhã, bem cedo, preciso levantar para limpar o san... o chão e arrumar a bagunça que os seis baderneiros deixaram.

MORGAN

Imagino, imagino...

IGOR

O senhor não imagina, não. E aí, finalmente o meu mestre me promete uma viagem de férias e aqui estou, trabalhando feito um animal.

MORGAN

Assim é a vida, marujo. Eu mesmo, quando era jovem e fugi num navio, quando escolhi a vida do mar, pensei que era só navegar e conhecer o mundo, uma folga só. Já no primeiro dia o capitão mandou eu lavar o convés, que era cem vezes o chão desta sala aqui. E descascar batatas, e polir os metais, raspar craca do casco do navio... E me pergunta agora, eu desisti?

IGOR

(bem mandado) O senhor desistiu?

MORGAN

Nada disso! Aguentei o tranco e fui em frente, até me tornar eu mesmo um grande...

IGOR

Pirata!

MORGAN

Capitão. Respeitado, admirado e obedecido por todos os marinheiros.

IGOR

Tudo bem. Mas eu, vou me tornar o quê?

MORGAN

A gente nunca sabe, Igor. A gente nunca sabe... *(mudando, abruptamente, o tom da conversa)* Não sabe se o carteiro já passou por aqui?

IGOR

A gente nunca sabe. Eu não vi.

MORGAN

(faz menção de sair, irritado) Para mim chega de esperar sentado! E depois dizem que o correio nunca atrasa. Mas eu não vou deixar barato, não. Eu vou atrás. Igor, se alguém me procurar, você diz que eu fui até a agência de correios da vila. *(saindo)* Até mais ver, marujo!

IGOR

(batendo continência, sem perceber que segura na mão o pano de chão molhado) Até ver mais, capitão, meu capitão!

As meninas voltam ao palco, trazendo as cartas que Margarida escondeu. Igor, indiferente à conversa das meninas, continua a faxina assobiando.

MARGARIDA

Essa sua ideia de abrir os envelopes no vapor da chaleira, para não ter que rasgar, foi genial. Depois a gente cola de novo e ninguém vai perceber nada.

ROSA

Mas o que estamos fazendo está errado, Margarida, muito errado...

MARGARIDA

Que foi agora, você amarelou? Está com medo?

ROSA

Medo, eu? Só estou dizendo que está errado. Mas tudo que é divertido está errado, não é? Vamos lá!

MARGARIDA

Com qual das duas a gente começa?

ROSA

Com a poção da bruxa. Já pensou, nós duas com poderes para passar de ano sem ter que estudar?

MARGARIDA

Ou uma varinha mágica que faz sumir tudo que é ruim?

ROSA

Vai, começa logo a ler essa receita!

MARGARIDA

(retira uma folha de papel do envelope e começa a ler) Querida amiga, coisa-e-tal-coisa-e-tal, esta receita faz milagres... Eu já experimentei na minha própria pele... De manhã você acorda uma outra pessoa...

ROSA

Puxa! É uma receita para se transformar!

MARGARIDA

Num vidro grande, de boca larga...

ROSA

Já sei! Um daqueles vidros de conserva vazios que tem lá na cozinha. Vou pegar! *(sai e volta imediatamente com o vidro)*

MARGARIDA

(continuando a leitura) ... coloque um par de lesmas... *(para Rosa)* Lesmas... Lá no jardim está cheio. Vá pegar!

ROSA

Lesmas, eu? Agora é a sua vez de ir pegar.

MARGARIDA

(debochada) Como é corajosa a minha assistente! *(sai e volta logo, segurando alguma coisa que despeja no vidro; com um pouco de nojo, limpa as mãos na roupa de Rosa)* Pronto! E agora?

ROSA

(assumindo a continuidade da leitura) Um chiclete bem mastigado... *(cospe na boca do vidro)* Essa foi fácil! *(lendo)* Uma teia de aranha... *(largando a folha)* Droga! Isso parece uma gincana.

MARGARIDA

Teia de aranha? Deixa eu lembrar... Eu sei que esses dias eu vi. *(pensando)* Ah, sim, foi na janela, atrás do balcão! *(corre até o lençol e arranca a teia que ainda permanece grudada no local)* A aranha vai junto?

ROSA

A receita só fala na teia.

MARGARIDA

Então, adeus, princesa do tear. *(faz de conta que joga a aranha em direção ao público; com a teia, forma uma bolinha que custa a desgrudar da mão para deixar cair no interior do vidro)* Já está! Que mais?

ROSA

(fingindo ler) Balinhas de jujuba, que você tem no bolso...

MARGARIDA

(desgostosa, retirando do bolso o saquinho de balas) Tem certeza? Todas elas?

ROSA

Todas não, só as vermelhas.

MARGARIDA

Mas é das vermelhas que eu gosto mais.

ROSA

(estendendo a mão) Sinto muito...

MARGARIDA

(ainda a contragosto, seleciona as balas e entrega as vermelhas na palma da mão de Rosa, que coloca uma delas na boca e esconde rapidamente as restantes no seu próprio bolso) Não vai botar no vidro?

ROSA

Não, as balas não são da receita, são para mim...

MARGARIDA

(braba) Safada, sem-vergonha! Era só me pedir...

ROSA

As vermelhas? Nunquinha que você ia me dar de mão beijada.

MARGARIDA

(arrancando o papel das mãos de Rosa) Passa a receita pra cá! Você não é madura o suficiente para comandar a operação. *(lendo)* Um tablete de chocolate com flocos, que nem esse que você comprou para a viagem...

ROSA

(desconfiada) Ah, sabidinha, essa eu quero ver! *(confere a veracidade da informação no papel)* Desculpe, é que eu pensei... *(tira o chocolate do bolso e, antes de entregá-lo a Margarida, dá uma mordida)* Um bocadinho a menos não vai fazer diferença.

MARGARIDA

(também dá uma mordida antes de jogar o restante no vidro) Acho que não.
(voltando a ler) Dissolva tudo na primeira urina da manhã.

ROSA

Primeira urina da manhã... Que diabos quer dizer isso?

MARGARIDA

Mas como você é burrinha! Primeira urina da manhã e aquele xixizinho que a gente faz logo que acorda. Você já fez hoje?

ROSA

Ainda não.

MARGARIDA

(entregando o vidro a Rosa) Ótimo! Então, faz...

ROSA

E tem que acertar aqui no vidrinho? É muita pontaria!

MARGARIDA

Minha amiga, a ciência exige um certo sacrifício. Nós temos que tentar... *(empurra Rosa até o banheiro e fecha a porta pelo lado de fora)*

ROSA

Margarida?

MARGARIDA

Que foi?

ROSA

Eu sei que você está aí fora, espiando. Assim eu não consigo.

MARGARIDA

Tente se concentrar. Não é nada tão difícil. Você sabia que xixi, em chinês, quer dizer obrigado?

ROSA

E daí? O que isso tem a ver com o nosso problema?

MARGARIDA

Nada. Mas é importante que a gente aprenda alguma coisa nova cada dia.

ROSA

Ah, sim! Xixi!

MARGARIDA

Já fez?

ROSA

Não, eu só quis dizer obrigado, em chinês.

MARGARIDA

De nada. *(pausa)* Faz o seguinte, assim: abre a torneira e deixa correr. Pensa em chuva, em chuveiro, em cachoeira... *(imitando o som de água correndo até evidenciar sinais de estar apertada)* Vai, droga! Eu que já estou quase fazendo nas calças.

ROSA

(abrindo a porta e exibindo o vidro quase cheio) Tcha-tcha-tcha-tchan!

MARGARIDA

Obrigado!

ROSA E MARGARIDA

(*alternando gentilezas acompanhadas do gestual característico dos cumprimentos chineses*) Obrigado! Xixi! Xixi! Obrigado!

MARGARIDA

Chega! (*volta a ler a receita*) Deixe a mistura descansar por dois dias. Depois, passe no corpo todo, massageando de leve e vá dormir. De manhã se olhe no espelho e veja o milagre acontecer. Boa transformação! Um beijo da sua amiga, Samantha.

ROSA

Passar na pele? Que nojo! Mas, se é a ciência que exige o sacrifício...

MARGARIDA

(*hesitante*) Sei não, aqui não diz no que a gente pode se transformar. E se virar um sapo, uma lesma, uma lagartixa?

ROSA

A gente faz de novo, tudo ao contrário, pra se destransformar. (*desafiando*) Quem é que está com medo?

MARGARIDA

Quem é que falou em medo? Precisa mais do que isso para eu amarelar. Não é medo, é precaução. Temos muita coisa para investigar, não podemos nos dar ao luxo de virar, sei lá... uma cenoura!

ROSA

Por que uma cenoura?

MARGARIDA

Não sei. Olhei pro teu cabelo e foi a primeira coisa que me ocorreu.

ROSA

Sua boba! Vamos deixar pra depois, então... (*coloca o vidro sobre o tampo do balcão*) Abre logo a carta do capitão Morgan, o pirata dos sete mares! Se a gente conseguir chegar no tesouro antes dele... Já pensou?

MARGARIDA

(retirando diversos documentos de um envelope grande, de papel pardo) Título de propriedade, recibo de arras, quitação da hipoteca, termo de compromisso...

ROSA

Eu nem sei o que tudo isso quer dizer. O mapa, cadê o mapa?

MARGARIDA

(desdobrando e estendendo no chão uma folha maior) Aqui está! Olha só!

ROSA

O tesouro deve estar enterrado aqui, onde está marcado com uma cruz. Mas onde fica isso?

MARGARIDA

Montanha da Fumaça, Rio dos Seixos Dourados, Vale da Verde Esperança, Floresta Desencantada... No meu quarto eu tenho um Atlas. Nós podemos descobrir onde fica tudo isso.

ROSA

E como é que vamos chegar lá?

MARGARIDA

Já sei! Na carruagem do conde Krápula! É só a gente consertar. Deixa comigo. *(mais alto, chamando a atenção de Igor que, do susto, derruba novamente o balde)* Igor!

IGOR

O que foi agora?

MARGARIDA

O conde ainda está dormindo, não está? Dizem que os vampiros dormem durante o dia, porque não suportam a luz do sol.

IGOR

O conde não é vampiro, pelo menos não é um vampiro tradicional. Quer ver? Ele acordou bem cedo e saiu.

MARGARIDA

E aonde que ele foi?

IGOR

Ele foi ver se encontrava, na vila, alguém que pudesse dar um jeito na carruagem.

ROSA

(para Margarida) Lá se foi a nossa condução.

IGOR

E depois ele ia dar uma olhada nas plantações.

MARGARIDA

Nas plantações?

IGOR

Isso mesmo. Ele precisa urgentemente encontrar uma plantação de...

ROSA

De?

IGOR

De nada. Obrigado, que eu já falei demais. Vocês são muito enxeridas e eu não posso contar. *(saindo em direção à cozinha)* Passar bem senhoritas, que eu ainda tenho muito o que fazer. *(voltando-se)* Ah, sim, se alguém procurar pelo capitão Morgan, podem dizer que ele foi até a agência de correios, reclamar de uma carta que ele estava esperando e não chegou. Parecia bem brabo. Vai sobrar pro carteiro. *(sai)*

MARGARIDA

Que carteiro, que nada! Vai sobrar é pra nós!

ROSA

Pra você. Não fui eu que fiquei com a carta.

MARGARIDA

Mas que bela parceira você me saiu! Quem é que abriu o envelope no vapor da chaleira? Quem foi? Vamos para o meu quarto pensar num jeito de ajeitar a situação.

Antes das meninas abandonarem o palco, chega o capitão.

MORGAN

Meninas!

ROSA E MARGARIDA

(tentando esconder o envelope) Nós, capitão?

MORGAN

Vocês mesmas. Temos muito que conversar. Encontro com vocês aqui na sala, hoje à noite, depois da janta, quando a sua mãe, Margarida, também puder participar. Não falem!

Todos deixam o palco.

SEXTA CENA

Entra Igor. Aparentemente esgotado, se deixa cair no sofá.

IGOR

Ufa! Essa vida de criado é cansativa. Igor faz isso, Igor faz aquilo, Igor pra cá, Igor pra lá... Não é justo que alguns nasçam para ser mandados e outros nasçam para mandar. Eu gosto do conde, não é esse o problema. Eu morreria por ele. Mas como eu gostaria que um dia, pelo menos, umas horas que sejam, a gente trocasse os papéis! Ah, se eu fosse, por um instante, o amo... *(autoritário)* Oh, Krápula, seu lerdo, me arranja logo algo para beber! Acaso não estás vendo que estou seco de sede? Vamos, te mexe! *(levanta, busca o vidro que ainda descansa no tampo do balcão, aproxima-se do sofá, agora já imitando um Krápula servil)* Bebe deste licor delicioso, meu mestre. Bebe meu próprio sangue se, com isso, a tua sede consegues aplacar. *(sentando, como Igor)* E eu quero lá teu sangue desprezível! Me passa já esse cálice! *(ajoelhado, como o conde)* É um licor das mais finas essências, mestre, cuidadosamente elaborado, certamente agradará seu paladar... *(como Igor)* Deixa de lero-lero e me dá aqui esse troço! *(bebe sufregamente)* Hmmm, nada mau, nada mau... Deixa eu adivinhar... *(degustando)* Gotas de chocolate, um leve toque de hortelã, consistência ligeiramente cremosa, por não dizer gosmenta, e um forte aroma de... um fedor de mijo! *(alterado, contorcendo-se em cólicas)* Krápula, desgraçado, queres me envenenar? Se eu sobreviver, conhecerás o açoite e a força do meu braço. Mas, por enquanto, o que eu preciso mesmo é chegar a tempo até o banheiro.

Igor levanta com dificuldade, segurando a barriga. Deixa o vidro vazio sobre o balcão e se encaminha, lenta e cuidadosamente, em direção ao banheiro. Seu percurso, porém, é interrompido pela súbita irrupção do capitão.

MORGAN

(batendo nas costas de Igor, que mal consegue se segurar) Bom te encontrar, marujo. Estava mesmo querendo levar um papo com você, a pedido do seu patrão, o conde. *(durante todo o monólogo de Morgan, Igor tenta inutilmente interromper ou até mesmo fugir para o banheiro; seu estado de aflição é ostensivo)* Vamos falar de homem para homem. Senta aqui. *(convida Igor, insistentemente, a acompanhá-lo até o sofá)* O conde está muito preocupado com você. Parece que ele percebeu alguns sinais de rebeldia, uma certa dificuldade para aceitar e obedecer as ordens que ele dá, não é? A coisa é muito simples, meu amigo. Na terra é a mesma coisa que no mar: marinheiro é marinheiro e capitão é capitão. Cada macaco no seu galho, cada um no seu lugar. E quando um marinheiro se nega a respeitar a hierarquia, sabe o que acontece? Não sabe? Então eu vou contar... *(ao mesmo tempo cruel e enternecido, puxando lentamente o cordão das lembranças com um humor procaz)* Foi num porto da Índia, nossa última escala. Já tínhamos descarregado tudo e a gente ia voltar pra casa depois de ter passado quatro meses no mar. Imagina só a alegria da marujada quando o navio apitou, deixando o porto. *(imita o som)* Todo mundo morrendo de saudades da família, doido de vontade de poder pisar de novo em terra firme, deixar de balançar. Foi aí que chegou um telegrama urgente da companhia. Um outro navio tinha afundado e o nosso tinha que substituí-lo, pegar um carregamento de sedas lá na China e levar até Londres. Por baixo, eram dois meses mais. É claro que ninguém ficou feliz com isso tudo, nem podia ficar. Mas ordens são ordens e a gente só tinha que acatar. Acontece que uma meia dúzia de marujos, não

mais do que meia-dúzia, se revoltou demais, que não iam aceitar, que voltavam pra casa, coisa e tal. E já estavam começando a fazer a cabeça dos outros. Eu não podia deixar, por mais que achasse que a insatisfação era justificada, a rebelião eu tinha que cortar pela raiz. E foi isso que eu fiz... *(solta uma gargalhada)* Ah, se eu fiz.! Fiz e muito bem feito. Não me arrependo disso... *(pausa que Igor não consegue aproveitar para escapulir)* Fica aqui, me escuta até o final... Eu sei de capitães que teriam mandado dar umas chicotadas, deixar os revoltosos se equilibrar na prancha, cortar um par de dedos para alimentar os tubarões. Eu não. Eu mandei colocar um funil na garganta de cada um dos seis revoltosos, e eu mesmo despejei uma caneca de óleo de rícino goela abaixo de cada um deles. Precisava ver! *(mais uma gargalhada, acompanhada de um tapa na barriga de Igor, que começa a suar)* Não tinha latrina que chegasse, coitados. *(levanta do sofá e imita as aflições dos marinheiros castigados)* Iam soltando as tripas por tudo que é lugar. Mal levantavam as calças, já tinham que baixar. Corriam feito doidos, segurando a barriga. Agora me pergunta se ficaram com forças de reclamar...

IGOR

(produz algum som ininteligível)

MORGAN

Moral da história... *(pensa)* Não, essa não tem moral. É uma historinha amoral, mas que foi boa, foi, não foi? Eu achei divertida, modestamente. E instrutiva também, meu caro Igor. Quem se revolta contra a autoridade, acaba na... pior. Vê se não esquece disso...

Morgan sai de cena, ainda rindo e imitando os marujos acometidos de cólicas. A nova tentativa desesperada de Igor em direção ao banheiro é interceptada por Greta. Repete-se o martírio do criado, segurando em caretas e suores a vontade das tripas.

GRETA

(afetada, como de praxe) Bonjour, monsieur Igor. É um prazer revê-lo. Sinto muito tê-lo assustado a noite passada. Eu só estava ensaiando o papel de Lady Macbeth, de Shakespeare, você sabe? Não, claro que não sabe. Que cabeça a minha! Já não sou uma mocinha, desisti de encontrar o elixir da eterna juventude. Lady Macbeth é o papel perfeito para uma grande atriz... digamos... já madura. Amanhã vou fazer um teste no Teatro Municipal. Estou tão nervosa! *(empurrando Igor numa das poltronas)* Seja bonzinho e faça o papel do meu marido no ensaio desta cena. *(incorporando a personagem)* Vai-te, digo! *(Igor tenta aproveitar a deixa, mas Greta corta seu caminho)* Uma, duas, é tempo de pôr mãos à obra. Como é lóbrego o inferno! Por quem sois, meu senhor, que vergonha! Um soldado com medo? Por que devemos rezear que alguém o saiba, se ninguém nos pode pedir contas? Que coisa! Estas mãos nunca ficarão limpas? Sinto ainda aqui o cheiro do sangue: nem todos os perfumes da Arábia poderão fazê-lo desaparecer desta mão pequenina. Ide lavar as vossas mãos, *(nova tentativa frustrada de Igor)* veste o roupão, não os ponhais tão pálido. Repito-vos: Banquo está enterrado, não pode sair da cova. Por mais que eu faça esta

mancha não sai. Vai-te, mancha maldita! *(mais uma vez, Igor levanta e volta a ser empurrado na poltrona)* Parai com isto, meu senhor, parai com isto: esses vossos sobressaltos podem pôr tudo a perder. *(por trás do lençol, surge a sombra de Margarida chamando pela senhorita Greta; Greta deita no chão e puxa Igor, que acaba caindo sobre ela)* Deitai-vos, deitai-vos. Estão batendo à porta. Vinde, vinde depressa, dai-me a mão. O que está feito não pode ser desfeito. Deitai-vos, deitai-vos, deitai-vos....

Greta adormece. Igor tenta acordá-la sem sucesso. Margarida continua chamando. Igor, desconcertado, empurra o corpo de Greta para baixo do sofá e, consegue, finalmente, chegar até o banheiro. A sonoplastia orgânica, detonada assim que a porta fecha, confirma que a situação era de real emergência.

Entra Marida. Três fatos a deixam intrigada: um cheiro estranho, os barulhos que a porta fechada do banheiro mal consegue abafar e o vidro vazio sobre o balcão. Deixa o palco ainda chamando pela senhorita Greta, acrescentando agora a procura por Rosa. A luz é desligada.

SÉTIMA CENA

Sozinha no palco, sentada numa das poltronas, Rosa lê o livro sobre o conde Drácula. O fundo musical lembra o tema da clássica cena do chuveiro do filme “Psicose”. No lençol, as sombras projetadas mostram Igor esfaqueando insistentemente o conde Krápula, até ele, finalmente, cair. Rosa vê a cena e fica apavorada.

MARGARIDA

(chegando) Rosa! Rosa! Eu tenho novidades. Você nem imagina!

ROSA

(apontando para o lençol, que já não mostra mais nada) Eu... eu...

MARGARIDA

Que foi? Por que está tão pálida? Viu alguma assombração?

ROSA

(concorda com a cabeça e, aos poucos, vai recuperando a fala) Eu vi... vi tudo o que aconteceu lá na horta, por trás do varal.

MARGARIDA

(olhando novamente em direção ao lençol) Eu não estou vendo nada.

ROSA

Agora é tarde. O Igor esfaqueou o conde, esfaqueou várias vezes, até o conde cair. Eu vi tudo.

MARGARIDA

(dando pouca importância) Você anda vendo coisas. Aposto que estava lendo o livro dos vampiros, não foi? Ai, ficou imaginando...

ROSA

Eu ando vendo coisas, sim. Coisas horríveis! Juro! Pode gozar de mim, mas eu estou com medo. E não tenho vergonha de confessar. Estou com medo mesmo! O Igor é um assassino.

MARGARIDA

Você está querendo é se dar importância. Quem tem mesmo uma novidade de arrepiar sou eu. A senhorita Greta desapareceu, e a nossa poção também!

ROSA

Como assim?

MARGARIDA

Assim mesmo, sumiu, evaporou-se... Fui arrumar o quarto dela, como todos os dias, e ela não estava lá. E o teu xixi, ô... *(exibindo o vidro vazio)* baubau.

ROSA

Vai ver que ela foi dar um passeio e não avisou ninguém. Ou foi até a agência do correio, que nem o capitão, para ver o que aconteceu com a receita dela, aquela que você roubou.

MARGARIDA

Você não entende, Rosa. A cama estava ajeitadinha, o lençol esticado, não tinha sido usada. E ela nunca dormiu fora da pousada.

ROSA

E as coisas dela? Será que não viajou?

MARGARIDA

As roupas estão todas no armário. Os potes, as garrafas e os frascos das bruxarias dela, ninguém mexeu. Não falta nada, a não ser a poção que a gente preparou. Eu estou achando que ela foi seqüestrada...

ROSA

Também pode ser que ela fez um feitiço de desaparecer. Vai ver que está invisível, num canto desta sala, rindo da cara da gente. (*procurando*) Senhorita Greta! Sua bruxinha safada!

MARGARIDA

Ela não ia fazer isso. Ela é atriz. Gosta mesmo de aparecer, não de sumir.

ROSA

Será que...

MARGARIDA

O quê?

ROSA

Será que o Igor não esfaqueou ela também e enterrou o corpo no jardim?

MARGARIDA

Lá vem você de novo. Coitadinho do Igor... É burro, mas bonzinho. (*apontando para a entrada*) Falando nele... Já vamos descobrir.

Entra Igor, espanando a poeira da sua roupa com a palma da mão. Rosa se encolhe na poltrona, protegendo-se com uma almofada. Margarida conduz o interrogatório.

MARGARIDA

Oi, Igor! Que bom que você veio! A gente estava mesmo querendo conversar com você.

IGOR

(desconfiado, lançando um rápido olhar em volta) Tem que ser rapidinho, que eu já estou de saída. Só vim pegar o baú. Eu quero mesmo e me mandar daqui.

MARGARIDA

E o conde?

IGOR

Está lá fora, me esperando na carruagem.

MARGARIDA

Nem vai entrar para se despedir?

IGOR

Não, ele acha que aqui ninguém gosta dele. Por isso quer partir.

MARGARIDA

E você, gosta dele?

IGOR

O meu mestre é tudo para mim. Faria qualquer coisa por ele. Aliás, já faço tudo: carrego ele nas costas, escovo os dentes dele, faço faxina para ele pagar menos na pousada... O conde não é fácil, mas eu não viveria sem ele.

MARGARIDA

E se ele não vivesse?

IGOR

Eu estaria livre, mas essa liberdade não teria graça nenhuma para mim. Vocês são muito novas, ainda não conseguem entender.

MARGARIDA

Nós estamos tentando, Igor... Nós estamos tentando te entender. Mas, afinal, o conde não é um vampiro? Não é um diabo de mau? Não maltrata você?

Mais de uma vez, durante o diálogo, Igor se abaixa para amarrar os sapatos ou recolher alguma coisa do chão, desculpas que aproveita para espiar debaixo do sofá.

IGOR

É... não é... é... O conde não é um vampiro comum, é um tipo de vampiro do bem. O conde é um vampirelho.

MARGARIDA

E o que é isso, vampirelho? Nunca ouvi falar.

IGOR

Vocês sabem, nas famílias normais, dizem que o sétimo filho vira lobisomem.

ROSA

(recuperando a coragem) Essa eu sei: metade lobo, metade homem. Seis filhos nascem bons e o sétimo é que é mau, muito mau.

IGOR

Então, nas famílias de vampiros acontece a mesma coisa, só que ao contrário. O conde Krápula é o sétimo filho de um casal de vampiros. Por isso, ele não nasceu vampiro, nasceu vampirelho.

MARGARIDA

Quer dizer que é metade vampiro. E a outra metade é o quê?

IGOR

Isso eu não posso contar pra ninguém. O mestre me fez jurar que guardaria silêncio. Eu até ia pedir, na noite em que a gente chegou aqui, que ninguém levantasse o chapéu do meu mestre, porque o seu mistério se esconde bem ali, debaixo do chapéu.

ROSA

(cheia de coragem) E se o conde é tão bom assim, por que você matou ele, Igor? E nem tente negar, que eu vi com estes olhos.

IGOR

(visivelmente nervoso) Que bobagem, menina! Você anda lendo muita historinha de mistério, isso sim. Olha que isso estraga os miolos, menina! E chega de conversa fiada, que eu quero mesmo é me mandar daqui. Outra dor de barriga, outro susto daqueles e periga sobrar, do coitado do Igor, apenas um fedor. Vou pegar o baú. *(resmungando ao sair)* Eu levantando a mão contra o meu mestre... Cada coisa! Onde é que já se viu?

A saída de Igor é bastante atrapalhada, esbarrando nos móveis e confundido a direção. As meninas não conseguem conter o riso até um gongo soar. O fundo musical que se inicia seria bem apropriado para um funeral. Repentinamente, ficam muito sérias.

ROSA

Meu Deus, já é a hora da janta!

MARGARIDA

E depois do jantar, a conversa muito séria com o capitão.

ROSA

Estou morrendo de medo, prima.

MARGARIDA

Pois pra mim precisa muito mais do que isso para... *(cedendo)* Não precisa mais nada, estou com medo também.

ROSA

Nas histórias que eu li, os detetives enfrentam mil perigos e ameaças, muitas vezes fracassam nos seus planos, mas nunca são obrigados a passar por tamanha humilhação.

MARGARIDA

Pois é, minha cara, essa é uma das grandes diferenças entre a realidade e a ficção. E tem mais uma coisa... Sobre a morte do conde, se é que ela realmente aconteceu...

ROSA

Eu vi, juro!

MARGARIDA

Mesmo assim, eu acho melhor a gente não comentar. Os investigadores fazem assim mesmo, não fazem? Tudo é confidencial...

Abraçadas, deixam o palco lentamente, em direção à sala de jantar. A luz, minguante, acompanha sua marcha em ritmo de aflição.

OITAVA CENA

Sala vazia. Chega Igor carregando o baú. Olha cuidadosamente em volta. Confirma que se encontra sozinho. Abre a tampa. Puxa o corpo de Greta, que ainda se encontra debaixo do sofá, e tenta, desajeitadamente, colocá-lo dentro do baú. Finalmente consegue. Senta na tampa fechada para descansar, mas quase cai de susto ao ouvir a voz do capitão.

MORGAN

(entrando) Meu bom Igor, estava à sua procura. Agora mesmo as meninas comentaram, na mesa do jantar, que o senhor e o conde estavam de saída. Sinceramente, eu não posso deixar...

IGOR

(gaguejando) Aconteceu alguma coisa, capitão?

MORGAN

É um crime.

IGOR

(apavorado) Um crime?

MORGAN

É um crime vocês enfrentarem a estrada, assim, à noite, sem antes jantar.

IGOR

(aliviado) O meu mestre acabou de fazer um bom lanche. Ele está na carruagem, me esperando. Não posso demorar.

MORGAN

(abraçando Igor, conduzindo-o em direção à sala de jantar) Mas você, meu bom Igor, não vai me fazer essa desfeita, vai?

IGOR

(relutando em deixar o baú) A verdade é que eu ando um pouquinho indisposto...

MORGAN

Aposto que o ensopado de coelho da Magnólia dá um jeito nessa sua indisposição.

IGOR

Ensopado de coelho???

MORGAN

Não vai me dizer que não aprecia coelho...

IGOR

(cedendo, acompanha o capitão) Eu? Eu adoro coelho...

MORGAN

Será que o conde não aceitaria um prato?

IGOR

(desatando numa gargalhada, aparentemente sem motivo ou propósito) Coelho??? O mestre??? Melhor nem perguntar.

MORGAN

E por falar em perguntar... Não vi a senhorita Greta o dia todo. Ela não apareceu nem pra jantar. Por acaso você encontrou com ela?

IGOR

(atrapalhado) A senhorita Greta? Eu? Sim, quer dizer... não, não... sim.

MORGAN

O que você está escondendo, Igor?

IGOR

(com um olhar de esquelha em direção ao baú) Nada, não. Na verdade eu encontrei com a senhorita Greta. Ela estava indo ao teatro, fazer um teste para o papel de Leidi Macambúzia ou qualquer coisa assim. Não falei antes porque ela me pediu para não comentar.

MORGAN

É bem coisa da Greta. Ela acha que comentar dá azar. Superstição de artista...
Vamos lá?

Ambos deixam o palco. A luz, antes de ser totalmente desligada, concentra-se no baú abandonado no meio da sala.

NONA CENA

As duas meninas, imóveis feito estátuas, sentadas no sofá.

MARGARIDA

Que droga! Justamente hoje, que eu não consigo engolir coisa nenhuma de nervosa que estou, tinha que ter essa torta de morangos com nata que eu adoro.

ROSA

Você já andou pensando no que vamos dizer?

MARGARIDA

A gente improvisa na hora. Mas não adianta de nada, desta vez não vamos conseguir escapar do castigo. Acabou nossa carreira de investigadoras.

ROSA

Acabou? Nem chegou a começar. Não descobrimos nada.

MARGARIDA

Como não! Sabemos onde está escondido o tesouro do capitão, sabemos que ele foi mesmo um pirata. Se se fizer de besta, a gente entrega ele pra polícia. Vai ver só!

ROSA

Calada! Eles estão vindo.

Entram dona Magnólia e o capitão Morgan. Pequenos gestos denunciam, entre eles, uma provável cumplicidade, ou talvez algo mais.

MORGAN

(sentando numa das poltronas) Muito bem. Estamos aqui reunidos, nesta noite, para tratar de dois assuntos muito importantes, que dizem respeito a todos nós. Um desses assuntos é também muito grave, e é por ele que vamos começar. Primeiro assunto, então, alguém nesta sala está com uns documentos que me pertencem... Certamente, os pegou por engano e ficou com vergonha de me devolver, achando que eu podia pensar que fez de propósito, para dar uma olhada nos papéis, de curiosa que é. Tem gente que é assim e que não faz por mal, é só um excesso de espírito de... vamos chamar de espírito de investigação. A questão é que eu preciso desses papéis para tratar do nosso segundo assunto. Então, se esse alguém tiver a gentileza de me devolver os tais papéis, eu ficaria muito grato, tão grato que seria capaz de deixar passar o incidente sem aplicar nenhum castigo a esse alguém, mesmo que merecesse.

MARGARIDA

(entregando o envelope escondido por baixo da almofada do sofá) Desculpe, capitão, eu sou alguém...

MORGAN

Mas é claro que é. Alguém muito especial.

ROSA

Eu também sou alguém.

MORGAN

Você também. *(retira os documentos do envelope)* E alguém leu os documentos?

MARGARIDA

Alguém não entendeu nada.

ROSA

Alguém nem sabe o que significa hipoteca, arras, termo de compromisso...

MORGAN

Muito bem, vamos, então, ao nosso segundo assunto. *(segura a mão de Magnólia)*
Este mapa, que alguém achou que pudesse ser o mapa de um tesouro...

Mercúrio irrompe na sala com a falta de jeito que lhe é peculiar, tropeçando nos móveis e derrubando objetos.

MERCÚRIO

Eu trago uma carta urgente / minha tarefa é concreta / entrego imediatamente /
para a senhorita Greta. *(percebendo que Greta não se encontra na sala)* Cadê a
senhorita Greta?

MARGARIDA

A gente não sabe, mas eu vou descobrir. Pode deixar a carta comigo, que eu entrego.
(pega a carta)

MAGNÓLIA

(com um gesto de advertência) Margarida!!!

MARGARIDA

Não vou abrir. Prometo!

MERCÚRIO

(ajoelhando na frente de Magnólia) O correio nunca atrasa / no corre-corre nem
come / o carteiro chega à noite / vesguinho e verde de fome.

MAGNÓLIA

Você é de casa, Mercúrio. Sobrou torta de morango. Entra lá, te serve e come.
Aproveita e faz companhia para o Igor, que não consegue se afastar da travessa de
ensopado de coelho. Parece que nunca comeu antes...

Mercúrio tenta sair rapidamente, mas no caminho é interceptado pelo capitão, que lhe dá alguma instrução ao pé do ouvido. O carteiro concorda com um gesto de cabeça e sai em direção à cozinha.

MAGNÓLIA

Já está ficando tarde e eu estou preocupada. Que será que houve com a senhorita Greta?

MARGARIDA

Esse é apenas um dos mistérios que eu (*apontando para Rosa*) e minha assistente vamos solucionar. Desta noite não passa! Podem apostar!

ROSA

Margarida acha que a senhorita Greta foi seqüestrada. Eu não sei...

MORGAN

Lamento decepcioná-las, meninas, mas posso garantir que não há mistério algum. Eu sei onde está a senhorita Greta, mas, em respeito a ela, não posso revelar. Porém, podem ficar tranqüilas: ela está passando muito bem, viajou por vontade própria e amanhã ou depois deve voltar, talvez trazendo grandes novidades.

MARGARIDA

Eu não acredito nisso. Viajou assim, sem levar nenhum dos seus vestidos, nenhuma das poções mágicas?

MAGNÓLIA

Não são poções mágicas, filha, são só cosméticos, as maquilagens dela. A senhorita Greta é... foi uma grande atriz .

ROSA

Tanto faz, uma atriz também não viaja sem seus pós e seus cremes, sem seis mudas de roupa pelo menos...

MORGAN

(uma tosse discreta, quebrando o clima de divagação) Voltando ao nosso assunto, conforme eu ia dizendo, este mapa, que alguém achou que pudesse ser o mapa de um tesouro, ele é, na realidade, o mapa de um tesouro. Mas não é um tesouro roubado, um tesouro pirata. É o resultado do dinheiro que eu consegui juntar durante toda a vida navegando, naufragando também, tendo a perna mordida por tubarões e o olho arrancado por um mastro que desabou numa noite de tempestade. Tudo o que eu consegui juntar eu fui guardando até poder realizar o meu sonho: uma casa em terra firme, um pedacinho de campo em volta e uma família dentro. A casa e o terreno eu já comprei, é isso que está escrito nas palavras difíceis destes documentos, é isso que está assinalado no mapa. A família eu ainda não tenho, mas gostaria muito que Magnólia fosse a minha mulher e Margarida a minha filha.

ROSA

E eu, capitão?

MORGAN

Minha sobrinha, é claro. E passaria sempre as férias com a gente. A sua mãe já aceitou. Tudo depende agora de você, Margarida. O que você me diz?

MARGARIDA

Eu quero que a mamãe seja feliz. Eu gosto do senhor. Já gostava mesmo quando acreditava que era um velho pirata... Só não queria aceitar que alguém pudesse substituir o meu pai.

MORGAN

Isso eu não posso mesmo. Ninguém pode, minha filha. *(Margarida corre em direção ao capitão e o abraça)*

MARGARIDA

(no colo do capitão) Mas o que há de interessante para a gente, a Rosa e eu, fazer no campo?

MAGNÓLIA

Vocês podem escalar a Montanha da Fumaça, nadar no Rio dos Seixos Dourados, fazer um piquenique no Vale da Verde Esperança, explorar a Floresta Desencantada... Tudo isso fica pertinho lá de casa...

MARGARIDA

(amuada, desce do colo do capitão) Que tédio, mãe!

MORGAN

Já sei, vocês gostam de emoções fortes, não é?

ROSA

É isso mesmo, tio!

MORGAN

Eu não ia contar, para que vocês não ficassem apavoradas, mas já que gostam de emoções fortes... Do lado das nossas terras tem um castelo abandonado, dizem que mal-assombrado, minado de fantasmas. Vocês poderiam explorar o castelo, se não tivessem medo de dar de cara com os tais fantasmas.

MARGARIDA

E eu lá tenho medo de fantasma!

ROSA

Nem eu!

Escuta-se um barulho de correntes. Mercúrio, seguindo as instruções do capitão, veste o lençol do varal e arrasta uma cadeia de elos de ferro.

CAPITÃO

(fingindo surpresa) O que foi esse barulho? Meu Deus, o que é aquilo? *(apontando para o “fantasma” que corre e avança em direção às crianças)*

Paralisadas, as meninas não esboçam qualquer reação. Já bem próximo delas, Mercúrio tira o disfarce, revelando a sua verdadeira identidade.

MARGARIDA

Mercúrio, seu tonto... Você me deu um bom susto. E olha só a Rosa, coitada, ficou vermelha e branca.

ROSA

Para com isso, para! *(começa a perseguir Margarida, que desce à plateia e procura a proteção do público)*

MAGNÓLIA

(gritando, do palco) Meninas, se comportem! *(dirigindo-se ao capitão)* Era isso mesmo que você queria, uma família?

MORGAN

(passando o braço nos ombros de Magnólia) É isso mesmo que eu quero. Só um mau marinheiro confunde a calma com a felicidade. Felicidade é levar o navio a bom porto enfrentando as tormentas e o mau-humor do mar.

Antes de sair discretamente de cena, Mercúrio pendura novamente o lençol.

As meninas, mais calmas, voltam ao palco e se aproximam do casal. Já no escuro, uma sequência de flashes resgata poses que não fariam feio num álbum de família.

DÉCIMA CENA

Escuridão total. Carregando velas acesas, as meninas chegam até o centro do palco, pé ante pé.

ROSA

Eu achava melhor a gente esperar até a luz voltar.

MARGARIDA

Nada disso. Um bom detetive consegue enxergar no escuro melhor do que ninguém.

ROSA

Até mesmo melhor do que um vampiro?

MARGARIDA

(retirando alguns objetos do bolso) Ah, vampiros... Isso mesmo! Eu trouxe nossos instrumentos de trabalho: um espelho e uma lupa.

ROSA

A lupa eu sei, é para descobrir pegadas e impressões digitais. Mas o espelho é para quê?

MARGARIDA

A imagem dos vampiros não se reflete nos espelhos. Você não leu no livro? Assim, a gente pode descobrir quem é vampiro e quem não é.

ROSA

Que genial! Deixa eu ver... *(Pega um dos objetos e o aproxima do rosto, que tenta iluminar à luz da vela; solta um grito)* Margarida!!!

MARGARIDA

Que foi?

ROSA

Virei vampira! Acho que um vampiro me mordeu. Olha, não consigo me enxergar no espelho!

MARGARIDA

Essa é a lupa, boba!

ROSA

(aliviada) Ufa! Ainda bem!... E agora? O que a gente faz primeiro?

MARGARIDA

Primeiro a carta. Quem mandou foi a Samantha, a mesma da receita. Pode ter alguma pista, precisamos saber...

ROSA

Mas você prometeu... *(a reação de Margarida a faz desistir de qualquer lição de moral; retira o envelope do bolso)* Está bem, está bem... Eu vou lá na cozinha para abrir o envelope no bico da chaleira.

MARGARIDA

Deixa de ser boba, menina. A senhorita Greta sumiu. Agora é uma emergência. Se quiser, pode até rasgar o envelope.

ROSA

É mesmo, mas é que já estou tão acostumada... *(rasga o envelope, retira e abre a folha dobrada)*

A leitura da carta é feita, através de uma gravação. Enquanto se ouve a voz de Samantha, uma figura semelhante a um gorila se coçando desesperadamente é exibida no lençol, mas as meninas não chegam a percebê-la.

VOZ DE SAMANTHA

(gravação) Querida Greta, ai! Uma terrível tragédia aconteceu! Jogue fora a receita milagrosa! Não é milagre nenhum, ai! Um dia depois começaram a crescer pelos em todo o meu corpo. É uma maldição, ai! Fiquei parecendo um macaco, ai, e coçai demais! Eu espero que você ai ainda não a tenha utilizado. É melhor envelhecer com dignidade, ai! Sempre haverai um grande papel para uma velha atriz. Desculpe os meus ais, ai, mas é que estou escrevendo esta carta no meio de uma sessão de depilação. Dói à beça! Assim que tirarem meu bigode lhe mando um beijo. Um abraço de urso da sua amiga Samantha! *aiiaai*, essa doeu demais!

Como é próprio da infância, as meninas acabam rindo da tragédia alheia, mais por inocência do que por maldade. Extingue-se a sombra no lençol.

Ainda rindo, as duas primas vasculham a sala. No instante em que se dispõem a abrir a tampa do baú, uma sinistra badalada as paralisa.

MARGARIDA

Meu Deus! O que foi isso?

ROSA

Parecia um sino...

MARGARIDA

Mas não há igreja por perto.

ROSA

Vai ver que abriram uma filial da Igreja Universal. Estão por toda parte.

MARGARIDA

Não brinca com isso. Nunca deu pra ouvir sinos por aqui.

ROSA

Quer desistir do plano? Quem sabe a gente espera a luz voltar?

MARGARIDA

De jeito nenhum! Precisa muito mais do que um sininho à-toa para...

ROSA

Já sei, já sei. Então, o que quer que eu faça?

MARGARIDA

Vai trazer os suspeitos.

ROSA

E quem são os suspeitos?

MARGARIDA

Até prova em contrário, todo mundo é suspeito. Você não lê romances policiais? Os grandes detetives reúnem todo mundo numa sala no momento em que vão revelar quem é o criminoso.

ROSA

E você já sabe quem é?

MARGARIDA

Ainda não. Mas o importante é que eles não sabem que eu não sei, e eu, em compensação, estou sabendo que eles não sabem que eu não sei. E isso pode ser uma grande vantagem para nós.

ROSA

(completamente perdida no raciocínio, deixando o palco) Se você diz... Lá vou eu!

Sozinha no palco, Margarida vasculha o cenário, anda em círculos, pensa. Também pode descer até a plateia, examinar com a lupa algumas orelhas, conferir o reflexo do rosto dos espectadores no espelho, etc.

Volta Rosa, puxando a procissão integrada por Magnólia, o capitão e um Igor quase que transformado em macaco, com pelos em toda parte visível da sua anatomia. Cada um traz uma vela acesa.

MARGARIDA

Igor! O que houve com você? *(Igor não responde, mas se apressa em subir na tampa do baú, onde fica acorinado, coçando-se e emitindo alguns sons guturais)* Senhoras e senhores, podem tomar assento, por favor...

MAGNÓLIA

Que brincadeira é essa, minha filha?

MARGARIDA

Brincadeira nenhuma, é assunto muito sério. Aconteceram coisas terríveis nesta pousada, mas, graças ao meu raciocínio, à minha perspicácia, ao meu profundo conhecimento da natureza humana, assim como dos fenômenos sobrenaturais... *(atendendo aos apelos de Rosa, que não para de puxar sua roupa)* sem esquecer da ajuda, ainda que não muito considerável, da minha assistente aqui... Graças a tudo isso, todos os mistérios, nesta noite, virão à luz...

ROSA

(esforçando-se por dar sua contribuição) À luz das velas, mas não deixa de ser luz.

MAGNÓLIA

(levantando, faz menção de sair) Tenham paciência, meninas, mas eu tenho mais o que fazer... Capitão, me acompanha?

MORGAN

Eu vou ficar, Magnólia. *(rindo amigavelmente)* Afinal, como velho pirata que sou, eu deveria ser o principal suspeito, seja o crime que for... *(acena, com um gesto de cumplicidade, para Magnólia, que sai)*

MARGARIDA

Eu não falei em crime, ainda, capitão. O senhor se adiantou. Isso não deixa de ser muito interessante...

Escuta-se uma nova badalada. As meninas perdem a pose e procuram refúgio no colo do capitão.

MORGAN

(acalmado as meninas) Não foi nada, crianças. Me desculpem, esqueci de avisar.

ROSA

Avisar o quê?

MORGAN

Eu instalei um sino de neblina na porta da pousada, para os novos hóspedes poderem se anunciar.

MARGARIDA

Um sino de neblina? O que vem a ser isso?

MORGAN

Em alto mar, quando a neblina é muito densa e não dá pra enxergar, os navios usam esses sinos para que um barco possa ouvir o outro, para não se chocar... É a única coisa que guardei de lembrança do meu barco, aquele que afundou.

ROSA

Mas então quer dizer que tem alguém na porta da pousada a essas horas da noite, e isso não é bom.

MORGAN

Foi só uma badalada, deve ter sido o vento. Não há perigo. Vamos continuar com a brinc... com a investigação.

MARGARIDA

(recuperando o sangue frio) Em primeiro lugar, os senhores serão submetidos a um teste de detecção de vampiros... Rosa, por favor!

Rosa confronta o capitão com seu reflexo e faz um sinal negativo com a cabeça. Repete a operação com Igor, que se assusta ao enxergar seu próprio rosto cabeludo.

IGOR

(com gestos simiescos e sem parar de se coçar) Será que isso vai demorar? Meu mestre, lá na carruagem, já deve estar começando a se impacientar.

ROSA

Calma, Igor! Eu acho que o conde não se impacienta mais.

MARGARIDA

Na verdade, são três os mistérios que precisamos desvendar. *(contando com os dedos)* O conde ainda está vivo? Onde está mesmo a senhorita Greta? E, finalmente, *(exibindo o vidro vazio)* quem é que deu sumiço no xi... na poção que estava neste vidro?

Instintivamente, Igor leva as mãos à barriga e começa a gemer de dor.

ROSA

(para Margarida) Deixa eu, deixa eu!

MARGARIDA

O assunto do vidro, apesar de ser uma história cabeluda, é um mistério menor. Algo tão simples que até a minha assistente, com sua pouca experiência, consegue solucionar. Rosa, pode falar.

ROSA

Evidentemente, com todo esse pelo que cresceu em você, Igor, está claro que foi o senhor que bebeu a poção, uma poção que, aliás, era apenas para passar no corpo e não para beber. Mas acho que já recebeu castigo suficiente por isso. Ou será que não? Você sabe de que era feita a poção que bebeu? *(cochicha no ouvido de Igor, que chega a passar mal e deita e se debate por cima do baú)*

IGOR

Eu estava com sede, eu não sabia... Mas foi só isso que eu fiz. A senhorita Greta, juro que não fui eu...

MORGAN

(interferindo, subitamente sério e ameaçador) Igor, o que mais você sabe sobre a senhorita Greta? Você inventou a história do teste no teatro? O que foi que realmente aconteceu?

IGOR

(fingindo-se em surto) Mim macaco, mim não fala língua de gente. Você não ser Tarzan! Mim não saber de nada.

MORGAN

Ah, agora virou macaco de vez! Palmas para ele, que é um grande ator!

MARGARIDA E ROSA

(batendo palmas) BRAVO! BRAVÍSSIMO!

Greta surge do interior do baú intempestivamente, feito um palhaço de mola numa caixinha de surpresas, e derruba Igor no chão.

GRETA

(apoteótica, emergindo do baú) Obrigado, meus fãs! Obrigado pelo carinho! Alguém quer um autógrafo? Convite não me peçam, que eu não dou. Eu vou viver do quê? *(para as meninas)* Gente, estou tão estressada! Amanhã tenho um teste para ver se me escolhem para Lady Macbeth. Preciso desse papel! Tenho que estar bonita, preciso repousar! *(virando-se para Igor)* E quem é este King Kong? *(desfalece nos braços de Igor)*

MORGAN

Vamos, Igor, vamos levar a senhorita Greta até a sua cama. No caminho você me explica direitinho o que ela estava fazendo dentro do seu baú.

IGOR

Mim macaco, mim não fala língua de gente.

MORGAN

Eu sei, eu sei. Lembra da história do óleo de rícino? Uma boa colherada e um macaco é capaz de falar até em chinês.

IGOR

Xixi?

Igor e o capitão saem de cena carregando Greta. Ao mesmo tempo, volta a luz e um clarão ilumina o lençol, mostrando o corpo de um homem balançando numa corda. O balanço é acompanhado por badaladas similares às aquelas que já foram ouvidas.

ROSA

(ao perceber a sombra) Mar-mar-mar-garida!

MARGARIDA

Ro-ro-ro-rosa!

ROSA

É um enforcado! Vamos chamar o capitão!

MARGARIDA

Eu chamaria, se conseguisse me mexer.

O corpo se solta da corda e despenca. Um latido feroz. O conde Krápula entra no palco furioso, esquecendo de esconder os dentes, com Titã preso ao seu calcanhar.

KRÁPULA

Eu não falei que era para manter essa fera amarrada? Cadê o Igor? Faz horas que eu estou pendurado naquele maldito sino e ninguém me atendeu!

MARGARIDA

(arrancando o cachorro) Vem cá, Titã. Que vergonha você me faz passar! O senhor está bem, conde Krápula? O senhor não morreu?

KRÁPULA

Se eu mordei?. Claro que não, menina, ele que me mordeu!

MARGARIDA

(mais alto) Eu perguntei se o senhor não morreu...

KRÁPULA

Deixe de fazer drama, menina. Foi só uma mordidinha. Ninguém vai morrer disso.

ROSA

(conduzindo o conde até o sofá) Senta aqui, conde, fica bem confortável, desabotoa a capa, tira o chapéu...

KRÁPULA

(reagindo) Não, o chapéu não!

MARGARIDA

A Rosa diz que viu o Igor esfaqueando o senhor.

KRÁPULA

O Igor me estapeando? Onde é que já se viu?

ROSA

Esfaqueando, esfaqueando que eu vi. Ele deu várias facadas, até o senhor cair.

KRÁPULA

E vocês ficaram preocupadas comigo?

ROSA

Ficamos muito preocupadas, sim.

KRÁPULA

Isso quer dizer que vocês se importam, que vocês gostam, um pouquinho que seja, de mim?

MARGARIDA

Mas é claro que a gente se importa. Nós não queremos que nada de mau lhe aconteça.

KRÁPULA

Coisa boa! Ninguém antes gostou nunca de mim. Só o Igor, mas ele não conta.

IGOR

(voltando a entrar, normal) Conto, sim. Quer ver? *(contando nos dedos)* Um, dois, três... *(para as meninas, que estranham sua volta à aparência original)* Uma boa colherada de óleo de rícino faz milagres...

MARGARIDA

(encarando novamente o conde) E por que ninguém gosta?

KRÁPULA

Porque eu sou diferente. Ninguém gosta de quem é diferente. Meus irmãos acham que eu sou uma vergonha para a raça dos vampiros, só porque sou bom, e as pessoas ficam com medo que eu as ataque feito um vampiro mau.

MARGARIDA

Ainda bem que a visão de Rosa foi só uma alucinação.

KRÁPULA

Não foi, não. Eu já sei o que aconteceu. Ela viu nossas sombras aparecendo no lençol e, como as aparências enganam, ela se enganou. *(rindo)* Vem cá, Igor, vamos mostrar como foi que você me matou. *(acompanhando o relato, o conde e seu assistente repetem a cena que já foi vislumbrada através do lençol)* Assim como os vampiros precisam de sangue humano para sobreviver, os vampirelhos precisamos de outro sangue, sangue de cenouras. Eu não sei o que vocês gostam de comer, mas, para mim, não há nada que se compare a fincar os meus dentes numa boa cenoura e sugar todo o suco que ela tem. Hoje cedo eu encontrei uma plantação de cenouras e comprei um saco inteiro, para poder continuar a minha viagem sem ter que me preocupar com a alimentação. O Igor ia guardar o saco no baú, mas eu pedi para ele colocar umas quantas cenouras nos bolsos internos da minha capa, por se me desse fome ainda na estrada. São seis os bolsos que eu tenho, e em cada um Igor enfiou uma cenoura, assim... Nas sombras que Rosa viu no lençol, cada cenoura devia parecer uma faca sendo enterrada no meu corpo. Só que o Igor é tão desajeitado que a última cenoura ele deixou cair. Aí eu me abaixei para apanhá-la, assim... E foi então que Rosa achou que eu tinha desabado, mortinho da silva.

ROSA

Ainda bem que foi só isso. Mas há um outro mistério que a gente ainda não resolveu.

KRÁPULA

Ministério? Quem é que não devolveu?

MARGARIDA

Tem que falar bem alto, Rosa. Ele é um pouco surdo. *(gritando)* Mistério que a gente não resolveu.

KRÁPULA

Não precisa gritar, que eu não sou surdo. Quanto a esse mistério que não foi resolvido, se eu puder ajudar, minhas amigas, podem contar comigo... *(para Igor que, obediente, sai)* Igor, está ficando tarde, vá carregar as cenouras no baú. *(para as meninas)* Ah, sim, antes que esqueça... No inverno eu pretendo voltar ao meu castelo e gostaria muito de recebê-las lá, para uma visita. *(retirando um cartão de um dos seus bolsos)* Aqui está o meu cartão.

MARGARIDA

Mas e os vampiros maus, quer dizer... seus irmãos?

KRÁPULA

Não precisam se preocupar. São quatro coisas que os vampiros têm medo: alhos, a luz do sol, cruzes e... flores. E como vocês duas, Rosa e Margarida, têm nome de flores, eles nem vão chegar perto de vocês. Se quiserem, podem levar também Magnólia e Açucena, as suas mães. *(volta Igor com o baú)* Foi um prazer, meninas, um prazer de verdade, mas agora nós precisamos ir. Eu não quero que a noite cerrada nos pegue antes de chegar na vila. Tenho medo do escuro. É por essas e outras que os meus irmãos vivem rindo de mim. Eu sinto muito se, sem querer, as assustei. Não era a minha intenção.

MARGARIDA

É, a Rosa é mesmo um pouquinho medrosa.

ROSA

Medrosa, eu? Você é que tem sangue de barata.

MARGARIDA

E você, então, com esse cabelo alaranjado, deve ter mesmo é sangue de cenoura.

KRÁPULA

(rindo, ameaçadoramente inofensivo) Hummm, sangue de cenoura... É muito tentador.

Igor e o conde se preparam para sair. As meninas os acompanham até as proximidades da saída.

ROSA

Mas e aquele mistério que ainda falta, que o senhor prometeu nos ajudar?

KRÁPULA

É mesmo, tinha esquecido. Qual é o mistério, então?

ROSA

O vampirelho é metade vampiro...

MARGARIDA

E a outra metade é o quê?

KRÁPULA

Sinto muito, amiguinhas, mas esse segredo eu não posso revelar. As espero no inverno, então. *(ao saudá-las, o conde tira o chapéu, revelando duas enormes orelhas de coelho)* Até mais.

A luz é desligada. Apenas o lençol permanece iluminado, exibindo uma silhueta que se assemelha a um homem sem cabeça. A sombra cresce e estoura em três pedaços. Cada um deles corresponde a uma das letras da palavra fim.

Dependendo da faixa etária da plateia, é possível tentar o recurso de que os atores adormeçam na hora dos agradecimentos, provocando novos aplausos e, quem sabe, alguns gritos de “bravo!”

FIM

PRÊMIO FUNARTE DE DRAMATURGIA - 2003

TEATRO PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE / REGIÃO SUL / 1º LUGAR

Todos los derechos reservados.

Buenos Aires (2021)

Si usted está interesado en poner en escena este texto rogamos comunicarse con su autor/a: jrein@terra.com.br

Centro Latinoamericano de Creación e Investigación Teatral CELCIT
Buenos Aires, Argentina.

www.celcit.org.ar
correo@celcit.org.ar

CBTIJ/ASSITEJ Brasil

www.cbtij.org.br
cbtij@cbtij.org.br

Red Iberoamericana de Artes Escénicas para la Infancia y la Juventud de ASSITEJ

www.rediberoamericana.assitej.net
rediberoamericana@gmail.com

«Piense antes de imprimir. Ahorrar papel es cuidar el medio
ambiente»